

Cidade fantasma

Paulo Pestana

Brasília é hoje a cidade que mais tem locais públicos e destinados à cultura abandonados. Segundo as contas do deputado distrital Carlos Alberto (PPS) são 23, embora ele não saiba listar todos — uma conta que desafia a aritmética. Há um evidente exagero do parlamentar, afinal a Fundação Cultural controla exatos 23 lugares, alguns funcionando bem ou razoavelmente. Mas, ainda que a conta não seja precisa, já seria um absurdo que um só espaço público destinado ao que fosse estivesse abandonado. E Brasília está se transformando aos poucos num amontoado de prédios sem função.

O esvaziamento cultural é óbvio, uma decisão de governo, que prefere dar prioridade para outras áreas, igualmente carentes. Não se trata de discutir a questão social de obras como o Metrô e assentamentos, mas de encontrar soluções para fazer com que espaços como o Gran Circo Lar, o Museu de Arte Contemporânea, a Sala Funarte e o Clube do Choro — para ficar só nos que mais incomodam — funcionem.

O deputado Carlos Alberto quer colocar no orçamento a verba a ser utilizada pela Secretaria de Cultura a partir do ano que vem. A iniciativa é boa, mas ainda assim depende do futuro governador e de uma série de fatores, inclusive uma aprovação que promete ser difícil (afinal, a cultura rende votos?) para que possa funcionar.

O Clube do Choro, por exemplo, não quer muito para voltar a funcionar. A cidade tem um grupo de músicos muito bons, e o presidente do Clube, Reco do Bandolim, tem percorrido gabinetes em busca de papéis e alguma ajuda que passem o controle do local para a entidade. A partir da liberação eles próprios arrumariam uma maneira de gerir o clube.

Esta pode ser uma saída para a falta de dinheiro. O público de Brasília tem mostrado que é ávido de novidades e sai de casa, não para "prestigiar" a cultura, como se gosta de dizer. Mas pa-

ra se divertir mesmo. O Cine Brasília, por exemplo, anda algumas vezes às moscas e teve que suspender uma das sessões diárias por absoluta e implacável falta de público. As pessoas não querem mais se arriscar a ver um filme ruim.

A volta de José Damata à programação, marcada para agosto, já é uma reação da Fundação Cultural. Ele é o melhor exibidor alternativo da cidade, consegue os melhores filmes para a sua pequena sala na Cultura Inglesa e já anuncia uma mostra de filmes de Luís Bunuel. O serviço público não gosta muito de recorrer à iniciativa privada, talvez por pudor, talvez para não ser confundido com incompetência. Mas ela pode dar bons

resultados, desde que dentro de alguns parâmetros que, por exemplo, não deixem que se faça um show do Chiclete com Banana na Sala Villa-Lobos.

O Gran Circo Lar é ambicionado por todas as grandes produtoras da cidade e fica vazio porque há toda sorte de dificuldades burocráticas. O último grande show

reuniu bandas de rock alternativas e mostrou-se que lá, com pequenos ajustes para melhorar o som, seria ideal lugar para os roqueiros na cidade.

Da mesma forma não é difícil criar um espaço para cinéfilos mais curiosos — aqueles que querem conhecer a produção esquimó de documentários, por exemplo —, ou um lugar para o teatro amador (por que não a Casa do Teatro Amador?), sem querer ser muito original, é claro.

Saídas há. E nem sempre elas vão depender das verbas do governo, que não vêm nunca.

CORRUPÇÃO
BRASIL
7661 INT 8

**Mesmo
um único
espaço
cultural
abandonado
já é
algo de
inadmissível
em plena
capital da
República**